



Quando os irmãos Lumière inventam o cinematógrafo e, conseqüentemente, o próprio cinema, os primeiros filmes que eles realizam consistem em registros de cidades; na verdade, imagens do cotidiano urbano que, naquele momento, estava sendo radicalmente transformado pelo intenso processo de modernização produtiva, urbana e urbanística. Assim, nascem juntos, ao final do século XIX, a cidade moderna e o cinema enquanto resultados solidários de um mesmo processo tecnológico, cultural, social e, sobretudo, econômico. A partir de então é estabelecido um fascínio mútuo entre o campo do cinema e o da cidade, que permanece até hoje. Das grandes sinfonias urbanas aos filmes de ficção científica, passando pelos documentários, o cinema retrata, critica e projeta cidades. É desta relação visceral entre CIDADE E CINEMA que este número da revista RUA pretende tratar.

Os ARTIGOS da revista nos trazem uma multiplicidade de temas relacionados a esta atração irresistível entre cineasta e cidade, entre amante de cidades e cinema. O cinema constrói suas próprias cidades – imaginárias, ácidas, utópicas, ordinárias –, sempre elaboradas a partir de substratos da cidade existente e, assim, oferecendo importantes instrumentos de reflexão sobre ela. Neste sentido **Caúla** trata da cidade utópica no cinema e busca relacionar os lugares produzidos pelo cinema com reflexões críticas sobre a realidade urbana. **Musset** também se interessa pela cidade imaginária das telas, e analisa uma em particular, *Coruscant*, da série mítica de ficção científica *Star Wars*, excelente laboratório de reflexão sobre a cidade contemporânea. Já **Kuster** utiliza a atual produção cinematográfica para tratar das dificuldades de convivência urbana e dos conflitos de interesses aí presentes. A cidade é vista como cinema existencial para **Braga e Vaz da Costa**, que se vale da análise fílmica para explorar formas de representação da experiência urbana. Também tratando da questão da representação, tanto cinematográfica quanto urbana, **Name** propõe um estudo do Rio de Janeiro através de filmes em que a capital carioca é tida como cenário. **Chiriato**, por sua vez, compara dois filmes e duas cidades, atentando para as expressões formadoras de uma iconografia urbana de origem cinematográfica que estaria diretamente relacionada à questão da segregação. A questão social é tratada através da noção de alteridade por **César**, que analisa de forma original o filme-acontecimento *Cidade de Deus*. **Olivieri** traça um breve histórico do que pode ser chamado de documentário urbano - ou os filmes documentários que filmam a cidade –, e defende a utilização desta produção para alimentar o debate contemporâneo sobre as múltiplas realidades da situação urbana.

Na ENTREVISTA, um diálogo entre **Parvu e Schaber** traduz toda a ambigüidade do termo francês Ensemble, que desliza do estar junto ao conjunto habitacional, mas ainda e também ao refazer da experiência de Godard em “2 ou 3 coisas que eu sei dela”, num outro tipo de estar junto separado pelo tempo, pela experiência e pela cidade alterada.

Em PERCURSOS E PAISAGENS, **Magnavita** nos conduz por três caminhos possíveis da relação cenário/cinema: a experiência condensada na Itália dos anos 50, a virtualidade das novas tecnologias, as inquietações contemporâneas do e sobre o saber cenográfico.

Na seção DOCUMENTOS foram traduzidos extratos do manuscrito do último filme escrito e realizado por **Guy Debord**, *In girum imus nocte et consumimur igni* (Nós damos voltas na noite e somos consumidos pelo fogo). Debord, fundador da Internacional Situacionista (IS), foi um crítico feroz tanto da espetacularização do cinema quanto da cidade. Seus filmes e livros são quase complementares, pois as críticas situacionistas - urbana e cinematográfica - partem de um ponto comum: a observação do cotidiano e a experiência da vida urbana. **Esteves** completa a sessão tecendo comentários sobre a relação entre Debord e o cinema, utilizando a própria noção debordiana de espetáculo como fio condutor.

As RESENHAS neste número foram feitas tanto de livros quanto de filmes que tratam dessa íntima e instigante relação entre cidade e cinema. No ESPAÇO CRÍTICO, **da Silva Pereira** trata da construção da cidade como experiência e conhecimento através do histórico dos panoramas, precursores da idéia de representação urbana usada pelo cinema moderno.